

A formação do léxico do português do Brasil:

Termos do vocabulário gastronômico provenientes de dialetos italianos

Apresentação

O presente trabalho, desconsiderando os capítulos em que foi segmentado, pode ser dividido em duas partes. Na primeira parte, após breve fundamentação teórica, é feita uma contextualização geral sobre a formação do léxico da língua portuguesa do Brasil. Na segunda, realiza-se um levantamento de termos provenientes de dialetos italianos presentes no vocabulário gastronômico da Região de Colonização Italiana (RCI) do Nordeste do Rio Grande do Sul.

À primeira parte atribui-se o objetivo de oferecer uma visão geral do assunto e de trazer à consideração aspectos relevantes relativos ao capítulo da formação do estoque lexical do português do Brasil. Essa visão geral configura-se oportuna em especial por ser este um trabalho a ser apresentado em âmbito de universidade estrangeira.

Já a segunda parte mereceu atenção especial, pois pretende-se que se lhe possa conferir algum grau de originalidade. Efetivamente são escassos (ou até inexistentes, pelo conhecimento que se tem) trabalhos com esse objetivo.

Nesta época de globalização —inclusive lingüística—, favorecida pelas facilidades e pela rapidez de comunicação planetária, a atuação da neologia no sentido da renovação e ampliação do léxico das línguas naturais é de repercussão crescente. Isso acaba conferindo aos sistemas lingüísticos feições novas, quer pela importação de estrangeirismos, quer pela formação vernácula, originando novos termos, contraditórios, amiúde, na imprensa diária. É só compulsar os meios de comunicação impressa (e nem precisa ser tão especializada) para constatar a presença de termos novos,

alguns de formação por processos inesperados, imprevistos. À guisa de amostra, quatro exemplos: negócios *pontocom*, *e-comércio*, transações *B 2 B*, *C 2 B*, etc.

Diante dessa realidade dinâmica da língua, seria de se esperar que houvesse um trabalho sistemática de levantamento, análise e registro do acervo léxico e de inclusão de neologismos. Não é o que acontece em relação à língua portuguesa do Brasil, onde os trabalhos com esses objetivos se resumem a iniciativas isoladas empreendidas nos meios acadêmicos através de artigos, dissertações, teses e alguns poucos livros (ver Bibliografia, especialmente Alves, 1994). O português do Brasil ressent-se da ausência de uma entidade coordenadora de tais atividades, como existe em Portugal, onde a Universidade Nova de Lisboa e o Observatório de Neologismos do Português cumprem essa função.

A presente monografia insere-se nesse contexto de escassez de fontes, em especial na parte que mais interessa, a do levantamento do léxico dialetal italiano, nos moldes que serão melhor delineados adiante. Na falta de entidade especializada onde se pudesse buscar apoio, resta a pesquisa na escassa bibliografia disponível sobre o assunto, busca nos meios de comunicação e em outras fontes cujos hábitos lingüísticos favoreçam o emprego de tais termos. Trata-se de levantamento limitado, pois restringiu-se a termos provindos de dialetos italianos ligados à gastronomia presentes na interação lingüística na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, a maioria de procedência vêneta.

1. Breve fundamentação teórica

O léxico da língua portuguesa é formado de termos provenientes de várias fontes. Em termos de língua portuguesa do Brasil, consideramos como *estoque inicial* o acervo léxico trazido pelos portugueses a partir do descobrimento do Brasil. Do século XVI em diante, o português em solo americano, como acontece com qualquer língua viva, foi ampliando seu estoque inicial. Essa ampliação foi se realizando através de um processo geral denominado *neologia*. As criações neológicas — os *neologismos* — podem proceder de duas fontes: externa (outras línguas), ou interna (da própria língua).

No primeiro caso, o novo termo denomina-se *estrangeirismo*, no segundo caso tem-se uma *criação vernácula*. A criação vernácula, autóctone, realiza-se, segundo denominação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), pelos processos de composição ou derivação. Em teoria, qualquer falante tem a faculdade de criar novos termos. Há, porém, diversos fatores condicionantes que “regulam” naturalmente tanto a criação como a difusão dos neologismos. É o que afirma Alves (1994: 6): “Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade lingüística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos”.

Quanto aos estrangeirismos, os fornecedores de maior influência têm-se alternado ao longo do tempo. Do século XVIII até metade do século XX predominaram os galicismos. De meados do século passado até hoje, e com grande incidência na atualidade, os termos da língua inglesa são os maiores contribuintes.

Outros estrangeirismos, constantemente e de forma inevitável, foram e vão se incorporando ao idioma, devido aos contatos e intercâmbios,

cada vez mais intensos e freqüentes, entre povos de línguas diferentes.

2. A formação do léxico do português do Brasil

Inúmeros fatores concorrem para a formação do léxico das línguas. Enquanto palavras desaparecem, outras vão surgindo, constantemente. É normal que assim seja, pois a língua, sendo uma entidade social, recebe da sociedade que dela se utiliza a contribuição das mudanças que lhe imprime, por inúmeras razões.

Na formação do léxico da língua, o surgimento de palavras novas atende quer à necessidade de expressar realidades emergentes, quer ao impulso criativo, que pode corresponder à liberdade que a sociedade (as pessoas) tem de intervir criativamente na língua ou ao impulso inovador próprio da construção de textos artísticos, literários, haja vista os textos de João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade.

Para efeito de situar este trabalho no contexto da formação do léxico da língua portuguesa do Brasil, vamos dividir o assunto em duas etapas, levando em consideração o aspecto cronológico. Na primeira etapa, considera-se a contribuição dos descobridores. Os portugueses, ao chegarem ao Brasil, trouxeram consigo uma língua já constituída, incluindo o acervo léxico, o estoque inicial. (A língua trazida pelos portugueses estava constituída, claro, mas não acabada, pois as línguas vivas evoluem constantemente).

Na segunda etapa, a língua portuguesa recebeu, já em “território brasileiro”, novas contribuições, quer de origem vernácula, quer estrangeira. Essa segunda etapa, por sua vez, também será dividida em duas abordagens. A primeira refere-se às contribuições estrangeiras em geral. A segunda, que irá merecer atenção maior, será a da contribuição de origem dialetal italiana.

2.1. A contribuição lusa

Como dissemos, os portugueses, ao aportarem no Brasil, na condição de descobridores e colonizadores, trouxeram consigo sua língua. É o que podemos considerar, com Melo (1971: 213), de *continuidade lingüística*: “palavras que constituem o fundo originário do idioma, as palavras herdadas que nasceram com a língua e receberam a impressão de seus sinais característicos e de suas tendências marcantes”. Nesse acervo incluem-se palavras de procedência diversa, latina, grega, árabe, etc., como se verá em breve exemplificação, adiante. O acervo de procedência latina era a principal fonte de itens léxicos, e nem podia ser diferente, considerando que o português é uma língua neolatina. Em segundo lugar figuram os elementos de origem grega. A cultura grega teve grande influência tanto sobre a cultura romana em praticamente todos os aspectos, como especialmente sobre a língua latina. Mas, ao longo do tempo, os povos romanos, falantes do latim, nas inúmeras conquistas que empreenderam, tiveram contato com muitos povos falantes de outras línguas. Mais especificamente na Península Ibérica, muitos povos entraram em contato, primeiramente com o latim, depois com o românico (o latim em transformação a caminho de dar origem às línguas românicas) e depois com o próprio português já considerado língua autônoma. Buscamos em Coutinho (1971: 189 e ss) breve exemplificação dessas origens:

ibéricas (bascas): arroio, baía, balsa, barro, bezerro, garra, lousa, modorra, páramo;

célticas: bico, brio, cabana, cambiar, caminho, carpinteiro, carro, cerveja, gato, lança, légua, peça, seara, touca, vassalo;

fenícias: mapa, mata, malha, saco;

hebraicas: aleluia, amém, bálsamo, belzebu, éden, hissopo, maná, páscoa, querubim, sábado, serafim;

germânicas: arauto, arreio, brasa, burgo, bando, elmo, estribo, feudo, guerra, guia, harpa, lata, lasca, marco, roupa, sopa, tréguia;

árabe: açougue, açude, alecrim, alface, algodão, arroba, arroz, azeite, oxalá, azeitona, jogral, linhagem, salitre, rouxinol, viagem, vianda.

2.2. A formação vernácula

A formação vernácula engloba os termos oriundos de algum dos processos de formação de palavras: composição, derivação, acronímia, etc., porém já em território brasileiro. Ou seja, os falantes do português, no Brasil, a partir do século XVI, conforme a necessidade, formaram novas palavras a partir das já existentes. A partir dessa etapa da história lingüística do Brasil começam a aparecer as diferenças do português do Brasil e de Portugal. Muitos termos que se formaram aqui não tiveram curso entre os lusitanos.

A formação vernácula do léxico é um capítulo muito extenso da língua, pois são inúmeros os termos derivados por prefixação, por sufixação, por composição de radicais, etc. Porém, cingir-nos-emos a breve exemplificação, já que não é este o foco de maior interesse deste trabalho. Busquemos alguns exemplos em neologismos modernos, com algumas ocorrências distribuídas entre os diversos meios de formação de palavras (ver Alves 1994).

Prefixação: antigreve, anti-IBOPE, anti-Castro, desideologização, desmalufar, sem-terra, indescartável, pró-Cut, hiperinflação, megacomício, microcomputador;

Sufixação: brizolismo, achistas, argentinização, favelização, frevança, selecionáveis, historicável, detalhístico, tucanar, democrátese, panelaço;

Composição: boca-de-urna, três-em-um, telespectador-eleitor-contribuinte, partido-ônibus, sambódromo, camelódromo, fumódromo, diretas-já;

Acronímia (siglas): Anfavea, UDR, CDB, OTN (otenzar), PFL (pefelista), URP (Unidade de Referência de Preços, urpização);

Truncação: euro (europeu), níver (aniversário), refri (refrigerante);

Portmanteau (palavra-valise): brasiguaiio (brasileiro e paraguaio), showmício, cantriz (cantora e atriz), portunhol.

2.3. Termos de origem indígena

Os termos de origem indígena são os pertencentes a alguma das línguas faladas pelos autóctones e que se incorporaram ao léxico da língua portuguesa do Brasil. Segundo Houaiss (1992: 56), “As retrojeções que têm sido feitas

das populações indígenas brasílicas vão de 4, 5 milhões a 10 milhões de habitantes”. Contribuiu muito para a incorporação de termos indígenas ao vocabulário português a atuação dos missionários jesuítas. “Seguindo, assim, uma prática viva que emergia espontaneamente de certos contatos interétnicos, disciplinaram línguas que ‘recobriam’ várias línguas indígenas, afins genealogicamente falando. Flor desse engenho, fixaram relativamente cedo uma ‘arte de gramática da língua que mais se fala na costa do Brasil’, noutros termos, um tipo de comunicação linguageira geral à série não pequena de línguas providas do tronco comum modernamente chamado tupi” (Id., p. 54).

No campo da literatura, contribuíram fartamente na incorporação de termos indígenas ao vocabulário português especialmente José de Alencar e Gonçalves Dias. Alencar, em “Notas do autor” acrescentadas ao romance *Ubirajara* (p. 147 e ss) explica inúmeros termos indígenas utilizados na obra. São exemplos:

Ubirajara — Senhor da lança, de *ubira* — vara, e *jara* — senhor; aportuguesando o sentido, vem a ser lanceiro.

Jaguarê — Nome composto de *jaguar* — a onça, e o sufixo *e* que na língua tupi reforça enfaticamente a palavra a que se liga [...]

Jandira — O nome é *Jandaira* de uma abelha que fabrica excelente mel [...]

Araci — Esta palavra tupi compõe-se de *ára* (cic) — dia, e *ceí* ou *cejí* (cic) — grande estrela [...]

Tocantim — Compõe-se de *tocana* e *tim*; literalmente, o nariz, o rosto do tucano. [...]

2.4. Termos de origem africana

Os termos de origem africana, por seu turno, são aqueles oriundos das línguas dos escravos trazidos da África para o Brasil. Esses termos ocupam o terceiro lugar em ordem de importância na formação do português do Brasil. É o que consta em Houaiss (1992: 75): “É costume falar —pela ordem— em índios, portugueses e africanos, estes em terceiro lugar. [...] Do ponto de vista lingüística, é —ou

parece ser— de fato o terceiro, em grau de importância, no afeiçoamento da variedade brasileira da lusofonia”. O recurso à língua geral, de base tupi-guarani, para a comunicação entre os grupos étnicos favoreceu a difusão do léxico indígena em detrimento africano. “É quando entra em ação”, diz Houaiss (1992: 81), “uma das funções mais perdurantes de nossa história, a educadora catequética, basicamente exercida pela Companhia (Sociedade) de Jesus. A fase inicial, de ‘consolidação’ da língua geral espontaneamente emergente, ilustram-na o padre Manuel da Nóbrega (que se reputava mau língua), Azpilcueta Navarro (tido como bom língua) e José de Anchieta, o codificador, o autor da *Arte de gramática da língua que mais se fala na costa do Brasil* (1595)”.

Alguns exemplos de termos africanos presentes hoje no linguajar brasileiro relacionados por Antenor Nascentes (apud Houaiss, 1992: 89): *alquimia, ançola, banzo, cachimbo, chimpanzé, cuscuz, inhame, miçanga, oásis, quitanda, sova, tanga, zebra*.

2.5. Termos de outras origens

Esses outros estrangeirismos são os procedentes de inúmeras línguas (francês, inglês, italiano, espanhol, etc.), que, ao longo do tempo, incorporaram-se e continuam se incorporando ao léxico brasileiro. São estrangeirismos todos os termos providos de outras línguas excetuado o latim, desde as antigas listadas acima que vieram ao Brasil trazidas pelos descobridores (ibéricas, célticas, fenícias, etc.) até as modernas que continuam fornecendo acervo léxico, como é o caso do inglês, francês, espanhol, italiano, etc. Os “fornecedores” desses acervos alternam-se, em importância, ao longo do tempo. A influência econômica e cultural do país de origem desses empréstimos normalmente é o fator determinante de quem passa a deter a supremacia. Nesse sentido, o francês predominou desde o século XVIII até meados do século XX. Na atualidade, diante da hegemonia norte-americana em praticamente todos os

setores (econômico, tecnológico, cultural, bélico, de informática, lazer), o inglês constituiu-se no maior invasor nos outros sistemas lingüísticos de praticamente todo o mundo. Da mesma ordem de grandeza dessas “invasões” são as reações dos defensores da “pureza” da língua, isso repetido ao longo do tempo. Testemunho disso é um comentário a uma carta escrita em 1925, por Manuel Bandeira a Mário de Andrade. A carta, transcrita parcialmente pelo articulista José Geraldo Couto na Folha de São Paulo (*Esporte*, p. 7, 18-3-2000), traz o seguinte comentário do jornalista: “mesmo entre escritores de formação marcadamente francesa e empenhados em desenvolver uma língua autenticamente ‘brasileira’, como eram Bandeira e Mário, os termos ingleses do futebol dominavam incontestes”.

Entre os estrangeirismos, este trabalho, como se disse acima, dará destaque e atenção maior ao caso particular da presença de termos provenientes de dialetos italianos presentes no linguajar português do Nordeste gaúcho.

3. Termos de dialetos italianos

Antes de abordar a presença de termos procedentes de dialetos italianos no linguajar corrente dos falantes do Nordeste do Rio Grande do Sul, é oportuno contextualizar o assunto. Para tanto, far-se-á um rápido histórico sobre a imigração italiana nessa região.

3.1. A imigração italiana no Rio Grande do Sul

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul iniciou-se em 1875. Essa imigração insere-se num movimento migratório maior verificado no século XIX. Como diz Oddone (in Frosi & Mioranza, 1983: 55), “A imigração italiana para o Rio Grande do Sul, fenômeno de massa, não pode ser excluída dos movimentos migratórios euro-atlânticos do século XIX que favoreceram o êxodo de excedentes populacionais não absorvidos pela reestruturação político-

econômica dos países europeus”. As terras devolutas da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul tiveram preferência no assentamento dos recém-chegados, oriundos, em sua maior parte, do norte da Itália. As áreas que mais forneceram contingente imigratório foram a Lombardia, Vêneto, Trentino-Alto Ádige e Friuli-Venécia (Id., p, 57). Os imigrantes encontraram muitas dificuldades para se estabelecer, pois lhes foram destinadas terras inóspitas, de topografia muito acidentada, de difícil cultivo. Mas mostraram grande espírito empreendedor e, passado pouco mais de um século, a região ostenta grande progresso, em praticamente todos os setores da economia, da cultura e da tecnologia. Essa região, que pode ser localizada tendo como centro geográfico a cidade de Caxias do Sul, passou a ser denominada de Região de Colonização Italiana (RCI).

3.2. O léxico gastronômico de origem dialetal italiana

O recorte que se fez —termos do meio gastronômico— teve o objetivo de tornar o trabalho factível, consideradas as pretensões limitadas deste levantamento. Inventário mais amplo demandaria pesquisa formal sistemática de mais tempo e recursos.

Considerando algumas dificuldades e características próprias deste trabalho, é preciso proceder a alguns esclarecimentos, antes de passar ao inventário do léxico pesquisado.

O primeiro esclarecimento refere-se à menção das fontes de coleta do léxico. A busca dos termos foi realizada na escassa bibliografia existente (basicamente o *Dicionário Vêneto Sul-rio-grandense - Português*, Stawinski, 1987), em restaurantes típicos italianos, em casas comerciais (mercados, tendas) onde se vendem produtos alimentícios, pequenas indústrias de alimentos, imprensa, convites para festas italianas com menção ao cardápio, rótulos de produtos com referência aos ingredientes de sua composição e entrevista com pessoas com algum tipo de atuação nesse meio

(cozinheiros, vendedores, produtores de alimentos).

O segundo esclarecimento diz respeito ao critério para seleção do léxico. Como não existem pesquisas sobre o assunto, fica difícil, em certos casos, decidir sobre como selecionar os termos a serem arrolados. Optou-se, então, pelos seguintes dois critérios: a) que o termo tenha curso efetivo numa das fontes pesquisadas. Não se tratou, pois, de coletar os termos nos meios onde a comunicação normal é feita em dialeto vênето. Tratou-se, isto sim, de caracterizá-los como estrangeirismos neológicos, ou seja, palavras provenientes do dialeto italiano empregadas nos meios em que a comunicação normal se processa em língua portuguesa; b) que o termo não conste no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986). Assim, pelo primeiro critério, comprova-se a existência e curso efetivo do termo e, pelo segundo, é conferido ao termo o caráter de estrangeirismo neológico, em relação ao português geral do Brasil, e de regionalismo, pelo emprego localizado em regiões de colonização italiana, especialmente no Nordeste do Rio Grande do Sul.

O terceiro ponto a ressaltar refere-se à definição dos itens lexicais. Trata-se de termos referentes a iguarias da culinária regional, da qual não se conhecem pesquisas e registros escritos que poderiam conferir alguma precisão às definições. Assim, em diferentes locais de uso, o mesmo termo figura com acepções diversas. *Macarrão*, por exemplo, na acepção geral, é qualquer tipo de massa; já na especialidade italiana é uma massa grossa, vazada, cortada em pequenos pedaços. As definições dadas aqui aos termos coletados baseiam-se em cardápios, fôlderes e depoimentos obtidos nos levantamentos feitos, sem a pretensão, portanto, de considerá-las definições rigorosas. Persiste, pois, a necessidade de pesquisa de maior extensão e rigor para sanar essa lacuna.

O quarto aspecto a esclarecer refere-se à grafia dos termos. Como os dialetos italianos da região são quase “línguas” ágrafas (são poucos os textos escritos nesses dialetos), há muita vacilação e, portanto, variantes gráficas do mesmo termo. Alguns itens são aportuguesados parcialmente, outros integralmente, outros continuam com a grafia dialetal, mas com versões diversas. Optou-se por registrar uma das grafias como entrada de verbete e consignar outras entre parênteses.

Por fim, ressalte-se o caráter limitado da “pesquisa”. Buscou-se mais uma amostra exemplificativa do que levantamento exaustivo. Fica em aberto a possibilidade de se proceder a uma pesquisa efetiva sobre o assunto, que bem comportaria trabalho de mais amplitude.

3.2.1. Inventário

AGNOLINI (agnoline, agnolíni, anholine, anholini)

— pequeno pastel de massa com recheio de pão ralado, carne e temperos, próprio para sopas.

BIGOLI (bígoli) — massa de farinha de trigo; macarrão.

BOLONHESA (carne à —) — carne de gado em pedaços temperada com molho vermelho.

BRODO — caldo de sopa, canja de galinha.

CAPELETI (capeletti, capelletti, cappelletti) — o mesmo que *agnolini*.

CAPUCINO (capuccino) — café com leite de preparo especial.

CARNE-LESSA — o mesmo que *lesso*.

CREN (crên, crem) — tempero forte proveniente da raiz da planta com o mesmo nome.

FIDELINI (filelíni, fideline, fedelini, fedeline) — massa de farinha de trigo muito fina própria para sopas; cabelo-de-anjo.

FORTAIA (fritaia) — fritada de ovos batidos; omelete.

FREGOLÁ (sfregolá) — doce de amendoim com farinha de milho, farinha de trigo, margarina, ovos, açúcar.

FUNGHI (massa ao molho de —) — massa preparada com molho de cogumelos e vinho madeira.

GALETO-AL-PRIMO-CANTO — frango novo. (Consta dicionarizado o termo *galeto*.)

GNOCHI (o mesmo que *nhoque*, já dicionarizado) — massa cortada em pequenas porções feita de farinha de trigo, ovos, queijo.

GROSTOLI (grôstoli, crostoli, grustoli) — doce de farinha de trigo, ovos, leite e temperos; calça-virada.

LESSO (lêssô) — carne cozida em água fervente.

MANDOLATO (mandolate) — doce de amendoim, farinha de trigo, açúcar (glicose).

MARMELADA — (o termo está dicionarizado como doce de marmelo; a curiosidade é que, no dialeto italiano, a marmelada pode ser de outras frutas).

MENAROSTO (menarôsto) — galeto (ave) preparado em espeto giratório.

MILANESA (bife/filé à —) — bife ou filé frito envolto em camada de pão ralado, queijo, ovos e temperos.

MINESTRA (menestra) — sopa.

MINISTRINA (menestrina) — sopa leve.

MINISTRONE (menestrone) — sopa espessa.

OSSACOL (ossocol) — tipo de salame grande feito de lombinho de porco.

PANSETA — toucinho feito da barriga do porco.

PARMEGGIANA (bife/filé à —) — bife ou filé à milanesa, mais presunto, queijo e molho de tomate.

PASTA — massa composta de farinha de trigo, água, ovos.

PASTASCIUTA — tipo de massa feita de farinha de trigo.

PERSECHE — maçã fatiada desidratada.

PESTO (massa ao molho —) — massa preparada com molho de manjericão e outros temperos.

PIEN (piem) — pescoço de galinha recheado.

POLENTA-BRUSTOLADA — polenta fatiada assada sobre chapa bem quente.

RADICI (radicci) — hortaliça própria para saladas.

RADICI-COTI — preparado dessa erva, cozida, picada e temperada com toucinho.

RAFIOLI (consta dicionarizada a forma *ravióli*) — pequeno pastel com recheio especial cozido em água e preparado com molhos.

RONDELI (rondéli) — rocambole de massa enrolado com recheio.

ROTOLO (rotôlo) — massa verde ou branca enrolada recheada.

SCODEGHIN (scodeghín, codeghin) — espécie de lingüiça feita de carne e pele de porco ensacada em tripa e fervida.

SPAGHETI (está dicionarizada a forma *espaguete*) — massa feita à base de farinha de trigo, desidratada, fina e dura.

SUCHETI (socheti, soquete) — espécie de moranga alongada.

SÚGOLO (súgulo) — pasta (mingau) feita de vinho, farinha e açúcar.

TAIADELE (taiadela) — massa de farinha de trigo em forma de tiras achatadas; talharim.

TORTEI (tortéi) — espécie de pastel com invólucro de massa de farinha de trigo e recheio de farinha de trigo, ovos, moranga, queijo, temperos.

TORTELONE (tortelôni) — massa branca enrolada recheada com ricota, queijo e outros temperos (assemelha-se ao rocambole).

Bibliografia

- Alencar, José de. *Ubirajara - lenda tupy*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- Alves, Ieda Maria. *Neologismo - criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994
- Coutinho, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971
- Ferreira, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- Frosi, V. & Mioranza, C. *Dialetos italianos - um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983
- Houaiss, Antônio. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992
- Melo, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971
- Stawinski, Alberto. *Dicionário vêneto sul-rio-grandense-português*. Porto Alegre: EST-EDUCS, 1987